


MERCADO DO SEXO E TURISMO SEXUAL: OLHARES AMPLIADOS

Recebido em: 09/12/2021

Aprovado em: 26/03/2022

Licença: 

Erick da Cunha Coelho Zickwolff¹

Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC-RJ)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Bernardo Lazary Cheibub²

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

RESUMO: O texto dialoga com os artigos publicados no número 25 da revista *cadernos pagu* (Unicamp), cujo tema é o mercado do sexo. A discussão engendrada pelos trabalhos que compõem a obra possui relevância quando se pretende compreender o fenômeno do turismo sexual e suas plurais possibilidades de análise. Os autores diversificaram o debate sobre a prostituição, lançando novos olhares acerca da autonomia dos indivíduos que se inserem no mercado do sexo pago. A partir de interfaces com diferentes campos de estudos, as produções procuram desconstruir estereótipos, colaborando com uma abordagem complexa do assunto, como a imagem limitada que se tem do chamado “turista sexual típico”. A contribuição do dossiê é a capacidade de instigar os pesquisadores do turismo sexual a repensar os marcos teóricos tradicionalmente relacionados ao tema, ampliando a visão preconceituosa de parte da academia e do senso comum relacionada a ele.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo sexual. Mercado do sexo. Prostituição.

SEX MARKET AND SEX TOURISM: ENLARGED VIEWS

ABSTRACT: The text dialogues with the academic papers published in the *cadernos pagu* journal (Unicamp) number 25, whose theme is the sex market. The discussion engendered by the work is relevant when one intends to understand the phenomenon of sex tourism and its multiple possibilities for analysis. The authors diversified the debate on prostitution, launching new perspectives on the autonomy of individuals who enter the paid sex market. Based on interfaces with different fields of study, the productions seek to deconstruct stereotypes, collaborating with a complex approach to the subject, such as the limited image of the so-called “typical sexual tourist”. The contribution of it

¹ Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-graduação em Turismo da UFF. Professor da FAETEC-RJ. Integrante do grupo de pesquisa MobLaTus.

² Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo Cpdoc/FGV, com período sanduíche na Universidade de Surrey. Mestre em Estudos do Lazer pela UFMG. Professor, pesquisador e extensionista na Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF, compondo o quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Turismo. Líder do grupo de pesquisa MobLaTus e coordenador do Programa de Extensão Turismo Social UFF.

is the capacity of instigate researchers of sex tourism by rethinking the theoretical frameworks traditionally related to the theme, showing that it is possible to expand the view from a portion of the academy and the common sense related to it.

KEYWORDS: Sex tourism. Sex market. Prostitution.

Introdução

A publicação da revista *cadernos pagu*, de caráter interdisciplinar e circulação semestral, teve início no ano de 1993, idealizada pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (PAGU, 2013). Sua proposta é divulgar trabalhos acadêmicos que tratem das questões de gênero, em todos os seus matizes. A partir da 4ª edição, os responsáveis pela elaboração do periódico entenderam que a abertura para o recebimento de trabalhos de autores de outras instituições, nacionais e estrangeiras, enriqueceria o debate acerca da temática (PAGU, 2013).

Na sua edição de número 25, a revista teve como tema estruturante o mercado do sexo. Os artigos publicados tratam da prostituição e outros trabalhos relacionados a este setor, e estão, em sua maioria, articulados às múltiplas mobilidades, especialmente aos processos migratórios, incluindo o tráfico internacional de mulheres e o turismo³. Um mote caro a este último campo de estudos, sobretudo em relação ao denominado, e demonizado, turismo sexual. De forma mais ampliada, as produções contidas no dossiê tentam analisar a movimentação de pessoas, ideias, imagens e imaginários, de forma sincrônica e diacrônica, em torno do mercado do sexo. As reflexões presentes nos trabalhos continuam pertinentes, gerando um debate que se mostra, mais do que nunca, necessário nos dias de hoje.

³ É importante destacar que, além de 11 artigos e de uma apresentação, o cadernos pagu número 25 ainda traz um documento - produzido por Dora Barrancos e Ricardo Ceppi (Sexo-s en el lupanar: Un documento fotográfico) - e duas resenhas - a primeira de Heloísa Pontes (Páginas de devoção e de sensação: gênero e história social do livro e da leitura) e a segunda de Cristina Tavares da Costa Rocha (Gênero e contracepção: uma perspectiva sociológica) - que, por não estarem relacionadas diretamente com a temática do turismo sexual, não foram por nós analisadas no presente trabalho.

Para a realização do presente artigo, realizamos uma leitura crítica de cada um dos artigos que compõem a revista e, dialeticamente, utilizamos os saberes e vozes de outros autores que também se ocupam da temática do turismo sexual; a partir de tais imbricações, tentamos descortinar um horizonte ampliado do fenômeno, percebendo-o para além de sua redução linear à exploração sexual, que certamente o permeia, mas que não compreende toda a complexidade de suas variegadas manifestações.

Mercado do Sexo: Importação e Exportação

O Cadernos Pagu número 25 se inicia com uma apresentação realizada pela organizadora do dossiê, Adriana Piscitelli, intitulada “Gênero no mercado do sexo”. Nela, a temática da comercialização do sexo é introduzida através do que a autora descreve como uma “verdadeira indústria” (2016a, p. 7). Em seguida ela faz um breve relato sobre cada um dos artigos que compõem o volume, focando nos pontos principais em suas análises. Piscitelli também contextualiza as visões antagonistas de sexualidade e prostituição, apontando para a existência de correntes de estudo que percebem o sexo pago como elemento de objetificação das mulheres, enquanto outros pesquisadores o entendem como uma ferramenta para a potencial liberação ou empoderamento das mesmas. Em outras palavras, enquanto uns enxergam na prostituta a figura da escrava sexual e uma vítima passiva de circunstâncias “fora” de seu controle, outros a percebem como um agente ativo e subversivo da ordem sexual imposta e do sistema patriarcal dominante. Este é um ponto fundamental para superar a visão generalizante de que todas as mulheres envolvidas no comércio do sexo são meras vítimas, seres humanos sem perspectiva de autonomia frente às suas práticas e ações, impossibilitadas de exercer escolhas individuais.

O primeiro artigo que compõe a edição analisada é de autoria de Cristiana Schettini Pereira (2016) e se intitula “Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX”. Nele, a autora explora a questão da regulamentação da prostituição através de experiências de trabalho sexual naquelas duas cidades. Ela destaca o chamado “tráfico de brancas”, relacionado com a vinda de mulheres europeias para a América do Sul, por meio de uma rede internacional de traficantes, para trabalharem como prostitutas em fins do século XIX. Em uma época de transição do labor escravo para o trabalho livre no Brasil, o termo “tráfico de brancas” faz alusão e contraponto ao tráfico de homens e mulheres negros(as) trazidos(as) como cativos(as) de diversas regiões da África, desde os primeiros tempos de colonização europeia. A pesquisadora discorre sobre a questão da regulamentação da prostituição, vista à época como um mal necessário, principalmente por parte dos médicos, atentos ao avanço das doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a sífilis, e dos homens da lei, que se preocupavam com o negócio ilícito que envolvia a questão do aliciamento e do tráfico daquelas mulheres.

Uma diferença significativa apontada pela historiadora entre a realidade das duas cidades era o fato de o Rio de Janeiro ainda possuir escravas negras e, muitas destas, no ambiente urbano, serem obrigadas por seus “donos” a se prostituírem, dando a eles o produto financeiro de suas atividades sexuais. Após a abolição da escravidão no país, no ano de 1888, muitas dessas mulheres, por falta de oportunidades – devido ao preconceito racial e à falta de políticas de inclusão laboral e social dos ex-escravos –, permaneciam realizando a atividade comercial do sexo, trocando os seus serviços pelos meios necessários para a sua subsistência (PEREIRA, 2016).

Na conclusão de seu trabalho, Pereira destaca que:

A prostituição de mulheres europeias foi uma novidade de grande peso político nas duas cidades. Mas ‘o problema da prostituição’ não começou com elas. De fato, é difícil entender os significados políticos locais das histórias das mulheres brancas traficadas se não as enxergamos à luz desses antecedentes históricos que faziam do trabalho sexual e doméstico um grande problema político ao longo da segunda metade do século XIX (2016, p. 54).

A análise do chamado tráfico de brancas, durante os últimos anos do século XIX em cidades da América Latina, revela uma inversão no fluxo da migração de mulheres que se prostituem no decorrer do tempo. Se atualmente fala-se no tráfico de mulheres brasileiras rumo a países europeus – para atuarem como prostitutas –, naquele dado momento as mulheres faziam o caminho oposto, partindo em viagens originárias da Europa e tendo como destino diferentes cidades localizadas nas Américas. Tal cenário se justificava pela busca de trabalho e melhores oportunidades de vida – por parte de algumas delas – e pela ação de cáftens internacionais que submetiam muitas outras aos seus desígnios (CAULFIELD, 2000). Ademais, as antigas colônias ibéricas começavam a ganhar ares europeus, recebendo especialmente a influência francesa no cotidiano da urbe de forma crescente, principalmente na língua, nos modos, na arquitetura e nas artes. Companhias de teatro, por exemplo, traziam suas atrizes para apresentações além-mar, as quais exerciam fascínio e alimentavam o desejo dos homens mais abastados. Algumas delas, além do trabalho nos palcos, também prestavam serviços sexuais remunerados (DEL PIORE, 2016).

Segundo a pesquisa historiográfica de Del Priore, havia uma forma de distinção entre as mulheres que chegavam ao Brasil para exercer a prostituição: as que eram consideradas “sofisticadas” e que atendiam nas áreas mais nobres das cidades foram alcunhadas de “francesas”, mesmo que não tivessem nascido na França. Já as nominadas de “polacas” – em alusão às polonesas, em sua maioria de origem judaica, apesar de serem provenientes de diversos países do Leste Europeu – que viviam e ofereciam seus serviços sexuais nas áreas mais carentes das cidades, seriam “produto de

exportação do tráfico internacional do sexo, que abastecia os prostíbulos das capitais importantes” (2016, p. 277).

Enquadrando uma perspectiva mais contemporânea quanto ao fluxo migratório de mulheres que atuam como prostitutas, o artigo seguinte, de Kamala Kempadoo (2016), intitulado “Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres”, apresenta ângulos e abordagens a respeito do debate internacional do tráfico de pessoas. A pesquisadora tece críticas sobre o que ela chama de “referencial contemporâneo hegemônico” (2016, p. 55), baseado em dois discursos feministas distintos, o “radical” e o “transnacional”. Para a autora, a guerra ao chamado tráfico de pessoas acaba afetando, de maneira negativa, a vida de mulheres residentes em comunidades pobres ao redor do mundo. Isto porque tal visão hegemônica classifica como tráfico todo e qualquer deslocamento internacional, voluntário ou não, terminando por impactar na vontade pessoal daquelas que decidiram tentar uma “vida melhor”, ainda que por intermédio da prestação de serviços sexuais, nos países ditos desenvolvidos. Ela situa temporalmente a questão do tráfico de mulheres como tendo início no final do século XIX, quando tratados internacionais começaram a ser criados em uma primeira tentativa de combater tal prática.

A grande contestação de Kempadoo durante todo o seu trabalho diz respeito à liberdade de escolha das mulheres em saírem de seus países de origem e buscarem melhores condições de vida em outras partes do mundo, sendo este deslocamento entendido unicamente como parte de um sistema de tráfico internacional de pessoas. Conforme a socióloga, as leis internacionais confundem o desejo dessas mulheres e a busca de ajuda de terceiros para a realização de tal empreitada com uma rede de criminosos que contribuiria para a exploração sexual das mesmas. Tal legislação se basearia em um discurso de vitimização das mulheres, entendidas como indivíduos

passivos em suas ações e negando, assim, sua possível autonomia e o protagonismo das mesmas frente às suas opções de vida.

Ao atentar para o fato de que há muitas mulheres que optam por trabalhar no mercado internacional do sexo, exercendo sua independência e não sendo vítimas aliciadas por redes criminosas, Kempadoo desnuda um horizonte mais amplo para o entendimento do fenômeno da migração feminina em busca de outras oportunidades e meios de vida. Sobre a liberdade de escolha das mulheres que trabalham com a prestação de serviços sexuais, destaca-se o papel tendencioso da mídia e de algumas publicações feministas – de viés radical – que apontariam para um controle total da prostituição por cafetões e membros do crime organizado. Negando tal imaginário, Roberts (1992) afirma que “no ocidente, o crime organizado tem pouco contato com o comércio do sexo e, embora as estimativas variem, a maior parte das prostitutas trabalha independentemente dos homens” (1992, p. 350-351). Ou seja, entender todo e qualquer deslocamento de mulheres que tenham envolvimento com a prostituição – entre fronteiras internacionais – como exploração sexual e tráfico de pessoas é, no mínimo, uma maneira parcial e restrita de se compreender um cenário que é muito mais complexo e multifacetado, além de alimentar o senso comum com tal ideia e instituir um estado de pânico moral e julgamento unilateral sobre o fenômeno.

Prostituição, Feminismos e Diversidade

O artigo escrito por Dolores Juliano (2016), “El trabajo sexual em la mira: polémicas y estereotipos”, desenvolve a questão da estigmatização das mulheres que atuam como prostitutas, as quais sofrem com o preconceito baseado em crenças religiosas e em diferenças sociais e étnicas. Ela destaca que a ala do feminismo chamada de “radical” tende a rechaçar a opção de uma mulher em se tornar prostituta,

taxando-a, sempre, como vítima de um sistema capitalista e patriarcal perverso, procurando desmerecer a prática da prostituição e negando qualquer possibilidade do papel de protagonismo dessas mulheres quanto às escolhas de uma atividade laboral conectada com a prestação de serviços sexuais. Por outro lado, a autora destaca que há setores do movimento feminista que defendem a opção e a posição das prostitutas, mediante um discurso de caráter humanista, lutando pelo reconhecimento dos direitos delas em atuarem como tais e em serem respeitadas por tal escolha.

Juliano demonstra, também, que há uma homilia socialmente aceita, de fundamentação religiosa e patriarcal, que idealiza a maneira como a mulher deve se comportar, tanto de forma pessoal quanto profissional. Quando uma mulher rompe com a norma social vigente por não se portar de maneira submissa, ao lutar por seus direitos e/ou ao prestar serviços sexuais, ela passa a ser considerada desviante, a ter menos valor e a merecer menos respeito; assim, a prostituta seria o ápice deste desvio, já que se torna livre do julgo do homem, se liberta sexualmente e opta – em certa medida – com qual parceiro “vai para a cama” (JULIANO, 2016). Para manter a ordem vigente, tentando dissuadir as mulheres de entrarem nesta senda, parte da sociedade repele duramente as prostitutas, imputando a elas uma posição de pária social. Nas suas conclusões, a antropóloga afirma que essas barreiras criadas, separando as mulheres ditas “santas” das mulheres “putas”, é uma arma habitual do patriarcado para a manutenção e a perpetuação da sua lógica castradora e controladora das individualidades femininas na sociedade.

Para que se possa alargar a visão acerca do fenômeno da prostituição feminina, é importante o exercício de compreensão de que o “feminismo” é um movimento plural e que possui alas dissonantes em seu interior. Um pretense discurso feminista único e consonante, que combate e condena a prostituição – enquanto uma forma de violência

contra as mulheres –, não se sustenta. Tal narrativa passa a ser representativa de apenas uma parcela desse movimento, que é classificada como “radical” por Fougeyrollas-Schwebel (2009), que destaca, ainda, a existência de outros grupos feministas que possuem pontos importantes de discordância acerca de diversos temas: socialistas, materialistas, essencialistas, lésbicas, negras e etc. A ala feminista identificada como “liberal” – ao contrário da “radical” – se mostra favorável à legalização da atividade, pois argumenta que a prostituição seria um trabalho como outro qualquer, apenas mais uma opção de labor. As feministas liberais apoiam a livre escolha das mulheres que atuam no mercado sexual, defendendo a ideia de que elas devem ser respeitadas e auxiliadas na luta pela obtenção de direitos trabalhistas e qualidade de vida (MIGUEL e BIROLI, 2014).

Ao expandir o campo de debate acerca dos fluxos e dos atores deste mercado, novos discursos envoltos pelo mote de grupos anti-opressão e pelo transfeminismo⁴ são abordados por Larissa Pelúcio (2016) em mais um texto do dossiê: “Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti”. A autora busca evidenciar a importância dos territórios da prostituição como fundamentais para a construção do que ela define como “ser travesti” (2016, p. 224). A cientista social aborda temas como a violência nas ruas, o uso de drogas, os sonhos e as viagens dessas pessoas para o exterior, para trabalharem temporariamente no mercado do sexo internacional. Pelúcio aponta para todo o processo de metamorfose de uma pessoa que nasceu homem – biologicamente falando – e que se “transforma” em travesti, desde as mudanças comportamentais, passando pelas alterações físicas e mentais, até o uso de uma

4 Segundo Leticia Nascimento (2021, p. 26), que se define como uma mulher transexual e defende a posição de transfeminista, “a compreensão plural das mulheridades e feminilidades decorrentes dos desdobramentos da categoria gênero deveria ser suficiente para delinear, nos feminismos, as experiências das mulheres transexuais e travestis”. Ela se apoia nos escritos de Simone de Beauvoir (1970), que afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Entretanto, alguns grupos feministas não reconhecem como mulheres pessoas que tenham nascido com o sexo biológico masculino, daí a necessidade da criação de um movimento nomeado “transfeminismo”, para dar conta das lutas e das necessidades deste grupo específico.

indumentária e de formas de comunicação próprias. A pesquisadora analisa as relações de sexualidade vivenciadas por elas – que podem assumir posturas ativas ou passivas –, explica as diferentes tipologias de travestis – com relação à idade e à aparência –, e finaliza salientando que não é possível se falar em “travesti”, no singular, já que esta é uma construção identitária plural, podendo se realizar de maneiras distintas, em cenários múltiplos – da mesma forma que o feminismo não deve ser entendido como um movimento único e unânime em seus posicionamentos ideológicos, conforme visto anteriormente.

Percebe-se, assim, que o mercado internacional do sexo, embora preenchido predominantemente por mulheres, não o é exclusivamente. As travestis, que nasceram biologicamente como homens, transformam seus corpos com o uso de hormônios e de intervenções cirúrgicas, buscando torná-los esteticamente femininos, sem proceder, contudo, à retirada cirúrgica de seu órgão sexual original, e assumem um novo papel de gênero, oferecendo uma variedade de serviços sexuais para clientes diversos. Realizando uma articulação com o artigo de Kempadoo (2016), debatido na seção anterior, seriam as travestis compreendidas como vítimas de um crime organizado de tráfico e exploração de pessoas ou percebidas como possuidoras de autonomia frente a seus desejos e atos? Esta é uma das muitas questões que podem ser levantadas frente a tais personagens, que também realizam viagens para prestar serviços sexuais e se inserem, cada vez mais, na lógica do turismo sexual.

Confusões Conceituais: Desconhecimento ou Manipulação?

Na sequência, o dossiê apresenta o trabalho, “La indústria del sexo, los migrantes y la familia europea”, escrito por Laura Agustín (2016), no qual a autora procura evidenciar que termos como “prostituição”, “turismo sexual” e “tráfico de

mulheres” acabam sendo utilizados para distorcer a realidade das diferenças situacionais e dos impulsos que levam uma pessoa a viajar, a participar de redes que facilitam viagens e a viver do comércio sexual. Para ela, representantes de governos, de projetos sociais e até mesmo acadêmicos empregam esta terminologia de maneira descuidada, algumas vezes propositalmente, visando o julgamento e a generalização de comportamentos, desprezando nestes suas distinções, autonomias e vontades. Aponta, também, para o fato de que se torna cada vez mais difícil para mulheres oriundas de países mais pobres a busca por outras atividades laborais em muitos países europeus, já que estas são imediatamente “reconhecidas” como prostitutas, quando, na realidade, poderiam se empregar como domésticas, cuidadoras de idosos, babás ou em outro cargo/função disponível.

A antropóloga também destaca a dificuldade das viajantes estrangeiras em se relacionar afetivamente com os europeus, pois aquelas pessoas são majoritariamente estigmatizadas por sua aparência ou etnia quando chegam à Europa. Agustín (2016) ainda chama a atenção para os possíveis benefícios econômicos proporcionados pela “indústria do sexo”, que fomentaria as atividades das empresas aéreas, a rede hoteleira e de restauração, as indústrias alimentícias, de bebidas e de cigarro, dentre outras. Sendo assim, além de buscar diferenciar as características dos indivíduos que estão transitando pela Europa, com relação aos seus interesses e atividades que intentam desempenhar, a pesquisadora ainda percebe as benesses financeiras e sociais que podem advir do mercado do sexo, obviamente se este for compreendido como uma prática laboral legítima.

É patente no artigo de Agustín (2016) a desconstrução do conceito de turismo sexual para além da sinonímia com a exploração sexual, não ficando restrito a uma compreensão imersa em uma lógica possivelmente moralista e recheada de preconceitos

embebidos em dogmas religiosos, o que acaba por corroborar a visão de outros estudiosos do tema (CARTER, 2010; CLIFT, 2010; RYAN, 2010; ANÔNIMO, 2017). Ao mesmo tempo, não se podem naturalizar as realidades que englobam a exploração sexual – relacionadas ou não com o turismo – como as atividades ilegais relacionadas com a pedofilia, o tráfico internacional de pessoas e outras formas de abuso sexual, as quais devem ser problematizadas e denunciadas com o discernimento e o olhar crítico que se espera da academia. Arim Soares Do Bem é um exemplo de estudioso brasileiro do turismo sexual que, com o passar do tempo, ampliou seu horizonte de entendimento acerca de tal fenômeno. Sendo o autor do primeiro livro publicado no país sobre o tema (SOARES DO BEM, 2005), ele defendia, em tal obra, a visão do turismo sexual como uma atividade conectada apenas com a exploração e atividades ilícitas; contudo, após se aprofundar em outras pesquisas (SOARES DO BEM, 2015), ele passou a compreender que há muito mais aspectos enredados, dos quais vários podem ser considerados “positivos”, não apenas para os atores envolvidos, mas para a própria atividade turística como um todo.

O Grupo Davida (2016), uma associação de cientistas sociais que analisa a prostituição pelo ponto de vista das trabalhadoras do sexo, a partir de alguns de seus representantes - Ana Paula da Silva, Thaddeus Blanchette, Anna Marina Pinheiro e Gabriela Leite - publicou um artigo no dossiê aqui explorado: “Prostitutas, ‘traficadas’ e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o ‘tráfico de seres humanos’”. Os(as) autores(as) asseveram que se está criando um pânico moral em relação ao denominado “tráfico de seres humanos”, por meio da análise da produção acadêmica que se utilizaria de dados contraditórios, transformados em “fatos”, ocorrendo uma mistura entre militância política e pesquisa científica. Os(as) pesquisadores(as) condenam a “repetição acrítica de panfletos políticos como se fossem

fatos científicos”, afirmando que tal comportamento “não leva a informações que permitam fundamentar políticas públicas justas, eficazes e bem planejadas na luta contra o tráfico” (2016, p. 182).

Eles(as), por fim, assinalam a possibilidade de se instaurar uma “caça às bruxas” no Brasil, em que qualquer estrangeiro poderia correr o risco de ser acusado de “traficante”, enquanto as brasileiras em viagens para o exterior, em busca de trabalho, “principalmente as de cor de pele mais escuras seriam sempre consideradas ‘vítimas’ potenciais que necessitam da tutela do Estado” (2016, p. 182). É uma preocupação legítima no que se refere aos julgamentos preconceituosos, que conformam imaginários excludentes contra determinadas pessoas, e aos discursos moralizantes que generalizam experiências plurais como uma única prática passível de condenação.

“Comodificação” na Prostituição

Em “Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidad e inmigración en la construcción del Estado canadiense”, Gloria Patricia Díaz Barrero (2016) apresenta uma discussão a respeito da migração de mulheres da América Latina para o Canadá, onde trabalham no mercado do sexo local como bailarinas exóticas, com vistos de permanência temporários no país. O artigo traz como contribuição fundamental a compreensão do fenômeno da “transmigração” para a prestação de serviços sexuais. A cientista social demonstra que estes deslocamentos são fruto de um contexto de relações desiguais de poder, marcadas pelas políticas migratórias canadenses, pela exploração econômica da América do Norte em relação à América do Sul, pelas construções raciais e racistas, além das relações patriarcais de gênero. A desigualdade econômica entre os países desenvolvidos e os *em desenvolvimento* é uma das principais razões que levam mulheres provenientes destes últimos a buscar alternativas renumeradas nos primeiros.

No modelo de produção e consumo capitalista, elas oferecem seus serviços de forma voluntária em lugares onde podem receber mais, sendo “empreendedoras de si mesmas”, ou seja, aproveitando oportunidades mais lucrativas.

A pesquisadora ainda usa o exemplo das mulheres caribenhas para alcançar seu desígnio epistemológico, descrevendo a maneira como elas são percebidas pelos canadenses: “*una mujer para el consumo, servil, exótica, y salvaje [...] de piel sedosa y canela com apetito insaciable para el sexo*” (2016, p. 141). Por suas características físicas, como o tom de pele, elas se tornam “mercadorias” valorizadas, sob uma ótica racista e patriarcal dos consumidores potenciais. A investigação de Barrero nos mostra um pertinente exemplo do processo de “comodificação do consumidor” – conceito proposto pelo sociólogo polonês Zigmunt Bauman – em que os sujeitos são aliciados, estimulados ou mesmo forçados a se autopromoverem enquanto “mercadorias”, se tornando não apenas “produtos”, mas também seus próprios agentes de publicidade e marketing (BAUMAN, 2008).

Por fim, Barrero (2016) também destaca que, além das redes criminosas de tráfico de seres humanos envolvidas na mobilidade geográfica de mulheres para práticas de cunho sexual em outras nações, muitas vezes, elas próprias – imbuídas de autonomia sobre seus atos –, procuram esses destinos para poderem trabalhar. Assim, seria um erro computar a todos estes deslocamentos, realizados por pessoas que buscam exercer uma atividade sexual remunerada em destinos internacionais, uma situação de ilegalidade e de exploração.

Viajando em Busca de Sexo: Turismos, Anseios e Imaginários

Uma análise sobre a presença de estrangeiros na Vila Mimosa e a forma de organização deste tradicional reduto de prostituição carioca foi realizada por Elisiane

Pasini (2016) em seu artigo “Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa”. A autora argumenta que, apesar de raro, não é impossível encontrar turistas estrangeiros na região, sendo alguns deles levados até lá em vans por guias de turismo credenciados. A cientista social destaca, também, a presença de um empresário alemão que comprou uma casa na Vila para atender prioritariamente a esse tipo de cliente. Ela ainda examina a estrutura de poder e controle estabelecida pelos empreendedores locais, salientando que qualquer estrangeiro que esteja investindo em algum tipo de negócio por lá é mal visto, por ocupar um lugar que, na opinião deles, deveria ser exclusivamente dos brasileiros.

Segundo o senso comum, os turistas (sexuais) estrangeiros têm sua representação ligada ao estereótipo de “vilões predadores e dominantes”. Obviamente que esta imagem foi e permanece sendo tonificada por aqueles que procuram se relacionar com pessoas menores de idade, incapazes ou indefesas, e que ferem as leis dos destinos para onde viajam (incorrendo no crime de pedofilia e, portanto, devendo ser identificados e punidos exemplarmente). Diferentemente desta visão mais generalista, na investigação de Pasini (2016), realizada de forma etnográfica, os turistas “gringos” são enxergados pelos autóctones como pessoas fáceis de iludir, a quem se deve cobrar mais caro pelos serviços sexuais e por qualquer produto que venham a consumir na localidade. A pesquisadora colabora com uma relativa desconstrução acerca da figura do turista estrangeiro que ocasionalmente pode procurar por serviços sexuais e outros entretenimentos em lugares como a Vila Mimosa; ela evidencia que, uma vez longe de seus países de origem, podem tornar-se, muitas vezes, vulneráveis – alvos fáceis para a extorsão, podendo cair em golpes como o entorpecimento seguido de roubo, quando estão se relacionando com as prostitutas (ou com as travestis). Assim, aquele que é sempre apontado como um algoz, por quem não possui uma visão mais

vasta do fenômeno, em determinados momentos e cenários é, na verdade, a vítima trapaceada.

Buscando explorar a questão dos estereótipos, o casal de pesquisadores, Thaddeus Blanchette e Ana Paula da Silva (2016), se aproveitou de suas características pessoais – ele o “típico gringo” e ela o arquétipo da “mulata” – para realizar uma pesquisa etnográfica em uma famigerada boate do bairro de Copacabana, culminando na realização do artigo “Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. A pesquisa compendiada em mais um dos trabalhos da edição analisada do cadernos pagu se configura como uma ilustração bem-sucedida de uma investigação etnográfica e suas possibilidades éticas de construção metodológica e epistemológica. Ana Paula, por exemplo, além de presenciar as relações que envolvem os encontros entre mulheres brasileiras que trabalham naquele estabelecimento como *stripers* e prostitutas com os turistas estrangeiros, através de uma simples ida até o banheiro feminino, conseguiu reunir informações espontâneas que talvez não fossem obtidas por meio de uma entrevista estruturada. Ao analisarem os resultados de seus estudos, os(as) autores(as) procuraram desconstruir o termo “turista sexual” – empregado de forma padronizada – ao perceberem que se trata de um amplo leque de visitantes com diferentes atitudes e percepções, não devendo ser homogêneos em um único conceito.

Blanchette e da Silva (2016) igualmente buscaram “problematizar o discurso estereotipado sobre turismo sexual e sobre a vinculação entre migração feminina em contextos de turismo sexual e tráfico de mulheres” (p. 278), pois entendem que “esse discurso cristaliza e simplifica histórias humanas reais, apresentando-as somente no momento em que um crime supostamente acontece, situando agentes complementares em papéis distintos de vitimizada e vitimizadora” (p. 278). O trabalho de pesquisa

apresentado pelo casal aponta para a necessidade de uma revisão e ampliação da conceituação do chamado “turismo sexual”, reforçando questões aludidas nas produções anteriormente analisadas no presente texto, de Agustín (2016) e do Grupo Davida (2016) – do qual, aliás, Blanchette e da Silva fazem parte.

Ainda sobre a temática da relação entre turistas e prostitutas, Adriana Piscitelli (2016b) apresenta o artigo “Viagens e sexo on-line: a internet na geografia sexual”, concernente à relação entre o turismo sexual e a *internet*. Nele, a autora destaca a importância da “grande rede” para a constituição daquilo que ela define como “um mercado transnacional de sexo”, com o intuito de comprovar que a escassez de recursos econômicos não é garantia de sucesso para o surgimento de um novo centro de turismo sexual e que fatores como exotismo e pertencimento a grupos étnicos específicos podem influenciar neste processo. A antropóloga procurou apreender a imagem das mulheres da América do Sul, difundida nos relatos de viajantes em busca de sexo, por meio do site *World Sex Archives*. Piscitelli opta especificamente por este espaço virtual por ter sido o mais relatado por turistas à procura de relações sexuais em uma investigação realizada anteriormente por ela, na cidade de Fortaleza. Após entrar no ambiente virtual suportado por aquele domínio, a pesquisadora percebeu a riqueza de seu material, quando comparado com endereços análogos, tais como o *Tsmtravel* e o *Pleasuretours*. Seu principal interesse foi explorar como os sítios eletrônicos destinados a expor os relatos das vivências dos consumidores de sexo pago contribuem para a transnacionalização do mercado sexual, através de possíveis alterações na “geografia do turismo sexual”, ou seja, descobrir se as informações que eram expostas pelos usuários, através dos fóruns de discussão naquele endereço eletrônico, poderiam influenciar a escolha de destinos turísticos para a realização de encontros sexuais pagos.

Pela apreciação de literatura internacional acerca de tal questão, a autora percebeu que destinos “tradicionais” de turismo sexual, como o sudeste da Ásia – que teve seu auge de exploração nas décadas de 1960 e 1970 – perdera espaço para mercados “emergentes”, como a América do Sul, entre as décadas de 1980 e 2000. Ela cita o exemplo da região Nordeste do Brasil e de Buenos Aires para ilustrar tal fato. O “exotismo” das mulheres – segundo a percepção dos turistas internacionais –, no primeiro caso, e a forte crise econômica que abalou a Argentina naquele período, no segundo, são fatores que podem elucidar o crescimento da procura por estes locais por parte dos consumidores de sexo pago (PISCITELLI, 2016b).

A lógica que envolve o viés econômico sugere que quando um país passa por um processo de estagnação ou retrocesso em sua balança comercial, tendo sua moeda desvalorizada frente ao dólar, se torna mais atrativo para o turista que passa a ter maior poder de compra em tal destino. Segundo a autora, no mercado do sexo isto também ocorre. No entanto, nem todos os destinos que sofrem reveses econômicos são amplamente procurados. Outros fatores, como o imaginário em torno do “exotismo” e da “beleza” das mulheres que vendem seus serviços sexuais também precisam ser considerados, assim como a própria atratividade turística dos locais. Para ilustrar tal caso, a cientista cita o Paraguai, país de economia frágil, fronteiriço ao Brasil e à Argentina, mas que não atrai um público considerável de turistas sexuais.

Para entender como a difusão do “boca-a-boca” eletrônico pode interferir na escolha dos destinos a serem visitados pelos consumidores de serviços sexuais pagos, Piscitelli explica que, por intermédio desta ferramenta virtual, os homens relatam suas experiências, postam fotos e promovem discussões aprofundadas sobre questões sociais e econômicas de determinadas nações do mundo. Eles formam uma comunidade que troca informações e dicas importantes para aqueles que gostariam de conhecer

determinadas regiões, detalhando a qualidade dos serviços dos lugares – hotéis, bares, boates, *nightclubs* e restaurantes – onde há profissionais do sexo disponíveis para o comércio sexual. Assim, a atenção não está focada apenas nas trocas sexuais, mas em toda a rede de suporte para que essas interações possam vir a acontecer. Estes homens, que compartilham suas vivências e buscam experiências em diversas partes do mundo por meio do turismo sexual, se autodenominam *Sex Mongers*. As trocas de mensagens são feitas em língua inglesa e os viajantes analisados pela pesquisadora, em sua maioria, parecem adotar um comportamento hedonista, buscando vivenciar prazeres desvinculados de afetividade entre as partes, ou seja, não buscam estreitar laços duradouros com as prostitutas com quem interagem.

A cientista social afirma que o site analisado não permite relatos de interações sexuais com menores de idade, apresentando a singularidade de ser um endereço virtual que fornece informações sobre prostituição e turismo sexual úteis para viajantes. Um aspecto que se destaca, para Piscitelli, está ligado à troca de dados sobre questões legais abarcando a prostituição em cada localidade, ou seja, se a prática pode ser considerada uma contravenção ou se ela é tolerada ou, até mesmo, regulamentada. Por fim, a autora percebe o *site* como um “espaço de ‘socialização’ coletiva” que “orienta em escala global, a recriação de códigos de sexualidade e masculinidade associados à supremacia branca e a uma certa ideia do Ocidental” (PISCITELLI, 2016b, p. 325), o que estimula “a procura por ‘autenticidade’ turística corporificada em mulheres de diversas regiões do mundo” (id.), viabilizando “a materialização do contato sexual entre viajantes à procura do sexo e mulheres nativas” (id.).

Por fim, no último artigo apresentado no dossiê, intitulado “Destino Buenos Aires: tango-turismo sexual cinematográfico”, Marta Savigliano (2016), a partir da análise de diversos filmes em que o tango figura como parte principal ou coadjuvante

do enredo, procura compreender o impacto destas películas no interesse dos turistas que escolhem Buenos Aires como destino de viagem, enfatizando a sedução e o erotismo conectados ao tradicional ritmo portenho. Passando por obras como *Gilda*, *Perfume de Mulher* e *Último Tango em Paris*, a investigadora vai destacando os principais aspectos explorados pelos produtores, chamando a atenção para o caráter sensual que o ritmo e a dança assumem nas tramas e como eles são percebidos e desejados por aqueles a quem chama de “turistas cinematográficos” (2016, p. 330). A cientista política também se preocupa em apreender a representação dos aspectos culturais do tango, diferenciando os filmes que prestam atenção aos detalhes específicos da expressão cultural argentina daqueles que não o fazem, o que remete à busca do autêntico nas experiências turísticas e na construção de imaginários a partir das imagens disponibilizadas.

Ao abordar a questão do imaginário, Savigliano dialoga com uma teórica brasileira do campo de estudos turísticos, Susana Gastal (2005), que destaca o papel da “hegemonia do olhar” em uma dita “civilização da imagem” (2005, p. 22). Em outras palavras, no momento histórico identificado pela autora como “pós-modernidade”, em meio à difusão dos meios de comunicação em geral – revistas, jornais, TV, cinema e páginas da internet – os indivíduos passaram a ter um contato antecipado com diferentes lugares para onde podem viajar. Criam-se, portanto, imaginários a partir das imagens difundidas de paisagens e culturas em filmes e fotografias, e constroem-se sentimentos que terminam por influenciar nas decisões sobre uma determinada viagem. Esta lógica alcança o consumo turístico-sexual, que também se alimenta de imagens, sobretudo dos corpos – enquanto objetos sexualizados – gerando noções estereotipadas e despertando desejos a serem saciados.

Considerações Finais

A obra analisada neste trabalho se apresenta como relevante para aqueles que buscam ampliar seus conhecimentos sobre o mercado do sexo, em suas várias vertentes, com um destaque para a prostituição feminina e as mobilidades turísticas internacionais. Os artigos examinados abordam, direta ou indiretamente, o turismo sexual, por meio das relações sócio-políticas e culturais estabelecidas entre viajantes e autóctones ou entre profissionais do sexo e seus clientes, apresentando uma série de exemplos, ilustrações e desdobramentos que permitem captar um quadro amplo e complexo deste fenômeno.

Os debates acerca deste tema – ainda considerado tabu por muitos pesquisadores no campo de estudos do turismo – são extremamente importantes para que possamos compreender as nuances, dicotomias e contradições envolvidas no seu desenvolvimento, buscando uma percepção crítica frente às análises majoritárias do senso comum e da grande mídia; estas, em grande parte, são maniqueístas e eivadas de juízos de valor, seja por falta de conhecimento aprofundado, seja pela assunção de posturas religiosas e/ou “moralistas”, que carecem de argumentos coerentes e calcados na realidade.

REFERÊNCIAS

“ANÔNIMO”. Detalhes omitidos por *double-blinding reviewing*. 2017.

AGUSTÍN, L. M. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. **Cadernos pagu**, v.25, p.107-128, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/NfL3ckb3fV8xLcnjQGLfK3P/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BARRANCOS, D.; CEPPI, R. Sexo-s en el lupanar: un documento fotográfico. **Cadernos pagu**, v.25, p.357-390, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hSYRkC4mZ9hXwktfSXSrYwR/?format=pdf&lang=es>. Acesso em 18 ago. 2020.

BARRERO, G. P. D. Stripers, bailarinas exóticas, eróticas: identidad e inmigración en la construcción del Estado canadiense. **Cadernos pagu**, v.25, p.129-152, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/FZbSFCVdPtVmZkwhYXw3WHj/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BLANCHETTE, T.; DA SILVA, A. P. “Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e desdobramento transnacional em Copacabana. **Cadernos pagu**, v.25, p.249-280, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/dbPQ9qRyxnthYtqbmMvNZf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CARTER, S. Sex in the tourism city: the development of comercial sex as part of the provision of tourist service. *In*: CLIFT, S.; CARTER, S. **Tourism and sex**: culture, commerce and coercion. Hampshire: Cengage Learning, 2010. p. 131-153.

CAULFIELD, S. O Nascimento do Manguê: raça, nação e controle da prostituição no Rio de Janeiro, 1850 – 1942. **Tempo**, v.9, p.43-63, Julho de 2000. (Dossiê História das Mulheres e das Relações de Gênero). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

CLIFT, S.; CARTER, S. Tourism and sex: critical issues and new directions. *In*: CLIFT, S.; CARTER, S. **Tourism and sex**: culture, commerce and coercion. Hampshire: Cengage Learning, 2010. p. 265-286.

DEL PRIORE, M. **Histórias da gente brasileira**: volume 2 – império. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Movimentos feministas. *In*: HIRATA *et al.* (Orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 144 – 149.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GRUPO DAVIDA. Prostitutas, “traficadas” e pãnicos morais: uma análise de produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. **Cadernos pagu**, v.25, p.153-184, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/bRx6Q7DQVxknpXHQZtwFwsQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.

JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira. Polémicas y estereotipos. **Cadernos pagu**, v.25, p.79-106, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JpswpsvLZfWZWFycvwyFPD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.

KEMPADOO, K. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos pagu**, v.25, p.55-78, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JpswpsvLZfWZWFycvwyFPD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.

- MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- PAGU. **Cadernos Pagu**: revista semestral do Núcleo de Estudo de Gênero – Pagu, 2013. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/cadernos-pagu>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PASINI, E. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa **Cadernos pagu**, v.25, p.185-216, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cYDkhzRqzbbZHshKwpVwtHF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos pagu**, v.25, p.217-248, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/5QYynt9X5b35dCjrMcN7npc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PEREIRA, C. S. Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX. **Cadernos pagu**, v.25, p.25-54, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/xXkpGbxNKGSTmmxVKzQfVbN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PISCITELLI, A. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos pagu**, v.25, p.7-23, 2016a. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/sHb5c9PyN7hPXZY66kCPj8c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PISCITELLI, A. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. **Cadernos pagu**, v.25, p.281-326, 2016b. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/JZ5wWGbn3jPbyNhwWNDKVpD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- PONTES, H. Páginas de devoção e de sensação: gênero e história social do livro e da leitura. **Cadernos pagu**, v.25, p.391-398, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PxbJ3wQDMJBWHfKXcDkFx9L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- ROCHA, C. T. da C. Gênero e contracepção: uma perspectiva sociológica. **Cadernos pagu**, v.25, p.399-403, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZF6ysFtCF3vschCHPLhq5mh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- RYAN, C. Sex tourism: paradigms of confusion? *In*: CLIFT, S.; CARTER, S. **Tourism and sex: culture, commerce and coercion**. Hampshire: Cengage Learning, 2010. p. 23-40.

SAVIGLIANO, M. E. Destino Buenos Aires: tango-turismo sexual cinematográfico. **Cadernos pagu**, v.25, p.327-356, 2016. Núcleo de Estudo de Gênero-Pagu/Unicamp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/FsYQnRmTrSqcfVgNxc4Brnv/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SOARES DO BEM, A. **A dialética do turismo sexual**. Campinas, SP: Papirus, 2005. (Coleção Turismo).

SOARES DO BEM, A. Turismo sexual no Brasil: gênese, institucionalização e dilemas. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. (Editores). **Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização**. Barueri, SP: Manole, 2015. p. 240-257.

Endereço dos Autores:

Erick da Cunha Coelho Zickwolff
Endereço eletrônico: erickturismo@hotmail.com

Bernardo Lazary Cheibub
Endereço eletrônico: bernardocheibub@id.uff.br